

Reflexões iniciais

Klein, Anna Freud e Winnicott

Profa. Patricia Amazonas

- ▶ Existe psicanálise de crianças?
- ▶ Se a psicanálise é um saber e uma experiência clínica fundada no campo da fala e da linguagem, existiria a possibilidade de uma verdadeira análise de crianças?

Klein

- ▶ Ao iniciar seu trabalho na década de 20 Melanie Klein desenvolveu um novo instrumento de trabalho: "A Técnica do Brincar". Ela observou que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias.
- ▶ Numa sala de brinquedos, muito poderá ser aprendido a respeito da criança observando-se que jogos ela prefere e o modo como brinca.

Klein

- ▶ A psicanálise seria o meio pelo qual as relações da criança seriam recriadas. Através dos jogos e brincadeiras infantis, a criança poderia simbolizar seus problemas, resolvendo-os em um outro contexto.
- ▶ O objetivo da psicanálise é permitir que a criança retome o curso de vida, auxiliando ela a enfrentar os seus conflitos inconscientes, para que os elabore melhor.

Klein

- ▶ Klein defendeu que a criança poderia ser submetida a um tratamento e seus conflitos serem analisados, caso fosse utilizada a sua capacidade lúdica como meio de interação.
- ▶ O problema estava simplesmente em transpor um método utilizado no tratamento com adultos para a prática com crianças.

Klein

- ▶ Klein conduzia a análise com princípios psicanalíticos, fundamentando sua prática no inconsciente da criança, na interpretação do conteúdo deste expresso no simbolismo dos sonhos e fantasias e no brinqueado.
- ▶ Para ela, no brincar, a criança traduz de modo simbólico suas fantasias, seus desejos e suas experiências vividas.

Klein

- ▶ O elemento organizador essencial de Klein é a prevalência da fantasia e dos objetos internos sobre as experiências com a realidade externa.
- ▶ Para ela, o brincar substitui a associação livre sem descaracterizar alguns conceitos centrais em que se apoia a psicanálise: o inconsciente, a transferência e a pulsão.

Klein

- ▶ A técnica do brincar surge, então, como um meio de expressão simbólica dos conflitos da criança e, através desse instrumento, o analista teria acesso e poderia intervir, via interpretação, no material inconsciente das crianças.

Objeto de estudo

- ▶ Exploração psicanalítica do funcionamento psíquico do bebê desde a sua origem.
- ▶ Reconstituição da vida interior, a partir da análise de crianças, retomando assim os passos de Freud, que tinha elaborado a sua teoria a partir da análise de adultos.
- ▶ Ela aborda a psicanálise de criança com a referência da teoria freudiana, mas vai rapidamente afirmar a sua originalidade e construir seu próprio sistema que fará dela "a inventora da técnica do jogo e a teórica dos arcaísmos precocíssimos".

Noções técnicas e teóricas Técnica

- ▶ "Técnica do Jogo": modo de expressão natural e privilegiado da criança – ela abria um novo campo na exploração do psiquismo infantil
- ▶ Pelo jogo, a criança traduz de um modo simbólico suas fantasias, seus desejos, suas experiências vividas.
- ▶ Considera o jogo como equivalente a associações verbais que o adulto produz em análise.

Noções técnicas e teóricas Teoria

- ▶ Vida fantasmática da criança: a realidade do bebê será percebida pelo prisma deformante de suas fantasias. A formação da fantasia é função do ego. Não é simplesmente uma fuga da realidade, mas um constante acompanhamento das experiências reais, com as quais está em interação.
- ▶ Ego Primitivo: imaturo e insuficiente em coesão – que vai logo ser exposto à ansiedade suscitada pelo conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Teoria

- ▶ Inicialmente a mãe seria o **lugar imaginizado no qual o sujeito encerra suas fantasias e desejos inconscientes**.
- ▶ É no corpo da mãe que se desenrola a relação conflituosa edipiana. A imago do corpo materno seria a cena de todos os processos e acontecimentos sexuais. Representa o inconsciente, o lugar que contém todas as coisas desejáveis.

Teoria

- ▶ O objeto não castrado: A mãe Kleiniana **não é castrada, logo é portadora do pênis**. Ela é completa, contém todos os objetos evocados pela fantasia do bebê
- ▶ A mãe é **portadora do seio (objeto que a criança deseja)**; Trata-se de um objeto que completaria o sujeito. O seio, para Klein, seria a marca de um gozo absoluto.



Teoria

- ▶ O primeiro objeto de desejo é o seio.
- ▶ As experiências emocionais não são constituídas apenas a partir das relações objetais. Destaca-se o papel do mundo interno da criança e a forma como ela lida com os objetos internos. (O aparelho psíquico é inicialmente Percepção, é algo intraduzível, só depois as palavras assumem forma).



Teoria

- ▶ Existem duas formas que o bebê encontra para lidar com os objetos, e elas serão básicas para o funcionamento psíquico ao longo da vida:
- ▶ 1) Posição Esquizoparanóide (3/4 meses)
- ▶ 2) Posição Depressiva (6 meses)



Posição

- ▶ Klein escolheu o termo posição para dar ênfase ao fato de que o fenômeno descrito não era simplesmente um "estádio" ou fase passageira. Implica em uma configuração específica de relações de objeto, ansiedades e defesas, que persistem durante toda a vida.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ A posição esquizoparanóide caracteriza-se pelo fato das crianças não tomarem conhecimento das pessoas, mantendo relacionamentos com objetos parciais, pela prevalência dos processos de divisão e de ansiedade paranóide.
- ▶ O ego do bebê é exposto desde o nascimento, à ansiedade provocada pela polaridade das pulsões, assim como é exposto a realidade (amor da mãe, alimentação e ansiedades). Mas é quando confrontado com a ansiedade da pulsão de morte que o ego deflete.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ O ego se divide e projeta a parte que contém a pulsão de morte para fora, no seio. Assim, o seio, que é sentido como contendo grande parte da pulsão de morte do bebê, é sentido como mau e como ameaçador para o ego, dando origem ao sentimento de perseguição.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ A intrusão da pulsão de morte no seio é geralmente sentida como dividindo-o em vários pedaços, de modo que o ego é confrontado com uma multidão de perseguidores. Parte da pulsão de morte permanece no eu e é convertida em agressividade dirigida contra os perseguidores.
- ▶ O mesmo ocorre com a pulsão de vida. Parte é projetada para criar um objeto que irá satisfazer o esforço de ego na preservação da vida e o que permanece é utilizado para estabelecer uma relação libidinal com esse objeto ideal.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ Assim, logo cedo o ego tem relação com dois objetos, ou seja, o objeto primário (seio materno) foi dividido em o seio ideal e o persecutório. O objetivo do bebê é tentar manter dentro e identificar-se com o objeto ideal e manter fora o mau. Portanto, a ansiedade predominante é a de que os objetos perseguidores entrem no ego e dominem e aniquilem o eu e o objeto ideal, daí a ansiedade paranóide. Por isso a fase chama-se esquizo-paranóide: divisão do ego e ansiedade paranóide.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ Contra a ansiedade o ego desenvolve uma série de mecanismos de defesa: introjeção, projeção e identificação projetiva. Todos têm o objetivo de manter os objetos perseguidores afastados. De maneira geral o ego se esforça para introjetar o bom e projetar o mal, mas isso pode flutuar. O bom pode ser projetado a fim de afastá-lo da maldade interna, ou o perseguidor pode ser introjetado para se ter controle sobre ele.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ Outra forma de defesa é a identificação projetiva. Nesta, partes do eu e objetos internos são expelidos e projetados no objeto externo, o qual então se torna possuído e controlado pelas partes projetadas, identificando-se com elas.



Posição Esquizoparanóide

- ▶ Predomina durante os 3-4 primeiros meses da vida, depois esta se torna menos preponderante
- ▶ Estado do Ego: clivado
- ▶ Natureza das relações de objeto: parcial
- ▶ Natureza da ansiedade: paranóica
- ▶ Defesas contra a ansiedade: Clivagem (do ego e do objeto),
- ▶ Fantasias: aniquilamento.



Passagem de posição

- ▶ Para que a posição esquizo-paranóide dê lugar a posição depressiva há uma pré-condição necessária: predominância das experiências boas sobre as más. Havendo essa predominância, o ego adquire crença na prevalência do objeto ideal sobre o persecutório, da pulsão de vida sobre a de morte. O ego se identifica com o objeto ideal e se fortalece. O medo dos perseguidores diminui, assim como a divisão. Progressivamente se aproximando objeto ideal e persecutório haverá integração. Diminui utilização das defesas e se prepara para a posição depressiva.



Posição depressiva

- ▶ O início da posição depressiva é marcado pelo reconhecimento da mãe como pessoa total; caracteriza-se pelo relacionamento com objetos totais e pela prevalência da integração, ambivalência, ansiedade depressiva e culpa.



Posição depressiva

- ▶ Esse reconhecimento total da mãe tem implicações vastas e abre possibilidades para novas experiências. Reconhecer a totalidade significa também reconhecer a mãe como outra pessoa que leva vida própria e se relaciona com outras pessoas. O bebê descobre seu desamparo, sua dependência e seu ciúme.
- ▶ A integração da mãe e do ego ocorrem simultaneamente



Posição depressiva

- ▶ Na medida em que prosseguem as integrações o bebê percebe que ele ama e odeia a mesma pessoa e se defronta com a ambivalência. Portanto, aqui a ansiedade brota da ambivalência, a criança teme que seus impulsos destrutivos tenham destruído ou destruam a mãe que ele ama e depende. Assim surge o luto e o anseio pelo objeto bom e a culpa, uma experiência depressiva característica do sentimento de ter perdido o objeto bom pela sua própria destrutividade.



Posição depressiva

- ▶ A experiência de depressão mobiliza no bebê o desejo de reparar seu objeto ou seus objetos destruídos. Anseia por compensar o dano que infligiu e quer recuperar o objeto amado perdido.
- ▶ Acreditando que foi seu ataque destrutivo que destruiu o objeto, da mesma forma acredita que seu amor pode desfazer os efeitos da agressividade. O fracasso na reparação leva ao desespero e o sucesso a esperança renovada.



Posição depressiva

- ▶ A medida que a posição depressiva é gradualmente elaborada o bebê adquire a capacidade de amar e respeitar as pessoas. Reconhece seus impulsos e se responsabiliza por eles, sendo capaz de suportar a culpa.
- ▶ O bebê organiza o mundo caótico dos objetos parciais, elabora a perda do amor pelo luto, fazendo com que suas dificuldades posteriores não sejam de natureza psicótica, mas de natureza neurótica.



Posição Depressiva

- ▶ Culmina ao redor dos 6 meses e permanece ativa durante a segunda metade do primeiro ano.
- ▶ Estado do Ego: Integrado / total
- ▶ Natureza das relações de objeto: total
- ▶ Natureza da ansiedade: depressiva
- ▶ Defesas contra a ansiedade: Reparação (preservar, recriar e reparar o objeto) e Diminuição da agressividade.
- ▶ Fantasias: Perda do objeto.



Como superar esta ansiedade depressiva?

- ▶ Jogo de "esconde-esconde": Tudo o que simboliza a ausência e a reparação permite ao bebê integrar um sentimento de segurança.
- ▶ Início da motricidade – engatinhar pelo chão e recuperar os objetos que perdeu recentemente, ou encontrar outros para substituí-los, é uma tarefa no sentido da maturação psicológica.

Como superar esta ansiedade depressiva?

- ▶ Atividade lúdica que pode simbolizar as fantasias de destruição e de reparação da mãe interna: colocar um cubo sobre o outro, formando uma pilha e depois derrubá-lo – retomando incessantemente a brincadeira.

Problemas

- ▶ O ponto de fixação da doença psicótica está na posição esquizoparanóide. Também pode estar no início da posição depressiva, quando a mesma não for suficientemente elaborada, ou seja, quando não for firmemente estabelecida a capacidade do ego de recuperar os objetos bons internos e externos, havendo uma ameaça verdadeira de regressão à psicose.
- ▶ Se a posição depressiva for alcançada e, pelo menos, parcialmente elaborada, as dificuldades encontradas no desenvolvimento posterior do indivíduo são de natureza neurótica.

Klein

- ▶ O brincar infantil possui, portanto, um papel importante no desenvolvimento da capacidade da criança em apropriar-se da realidade e, apoiada nessas relações, promover o fortalecimento do ego dotando-o, de recursos criativos para lidar com as exigências externas e angústias internas.
- ▶ Klein enfatizava a capacidade da criança em estabelecer transferência e isso a diferenciou de Anna Freud, filha do próprio fundador da psicanálise.

Anna Freud

- ▶ Anna Freud terminou sua formação básica para pedagogia em 1912. Em 1914 começou a trabalhar como educadora infantil. Ela exerceu essa profissão até 1920.
- ▶ Dada a proximidade de Anna Freud e seu pai Sigmund Freud, ela já estava íntima da corrente psicanalítica. Essa aproximação resultou na entrada dela na área em 1920. Seu ingresso se deu na psicanálise infantil, o que se justifica com base em sua formação.

Anna Freud

- ▶ Além de seu grande trabalho na psicanálise, se encarregou de traduzir e publicar as obras de seu pai. Fundou escolas, centros de psicanálise, orientou estudantes e teve um papel decisivo na psicanálise. Teve decepções com a evolução do movimento, mas nunca deixou de defendê-lo. Morreu em 09 de outubro de 1982 na cidade de Londres na Inglaterra.

Anna Freud

- ▶ Todo o desenvolvimento da teoria foi baseado no fato de Anna Freud não acreditar que a criança devia ser analisada. Como assim? Para ela, é preciso analisar o contexto e as relações que podem marcar os problemas infantis. Afinal, as crianças ainda estão se desenvolvendo.
- ▶ Anna Freud discordava que o desenvolvimento saudável de uma criança dependia de uma rígida disciplina.

Anna Freud

- ▶ É preciso considerar ainda que as crianças não tem entendem as relações afetivas em totalidade. Assim sendo, sua personalidade está sendo construída e por tudo isso a terapia não pode ser nos moldes dos adultos. Dessa forma, para ela é importante que os pais conheçam a psicanálise para poderem educar seus filhos

Anna Freud

- ▶ Sua teoria também focaliza a importância do ego na personalidade do indivíduo. Na obra "Ego e os mecanismos de Defesa", diz que o ego procura se defender das forças internas e externas. Assim, essas forças das quais o ego se defende são divididas por ela em três:
 - Forças vindas do ambiente externo (citando principalmente as ameaças no caso das crianças);
 - Força do poder instintivo;
 - Forças do poder punitivo do superego.

Anna Freud

- ▶ Considerando isso, Anna Freud estabeleceu 10 movimentos do ego para se defender:
 - ❖ Negação: Recusa consciente de perceber fatos que o perturbam;
 - ❖ Deslocamento: Deslocar um impulso para outro alvo;
 - ❖ Anulação: Tentar cancelar uma experiência primeira desagradável por uma ação;
 - ❖ Projeção: Atribuir a outro os sentimentos ruins de si mesmo;
 - ❖ Racionalização: Substituir um motivo assustador por uma explicação razoável e segura;

Anna Freud

- ❖ Formação Reativa: Fixação por uma pessoa, desejo, ideia que se opõe a um impulso temido pelo inconsciente;
- ❖ Sublimação: Direcionar a energia sexual para a realização de atividades que a sociedade aceita;
- ❖ Introjeção: Incorporação de valores dos outros para si próprio;
- ❖ Repressão: Repreensão de afetos, desejos e ideias considerados perturbadores;
- ❖ Regressão: Retorno a posição infantil em situações problemáticas

Anna Freud

- ▶ A carreira de Anna floresceu e acabou dando origem a um movimento neo-freudiano, denominado a "Psicologia do ego". Os "annafreudianos" - como ficaram conhecidos seus seguidores - aceitam as premissas básicas da psicanálise, apenas modificando ou ampliando alguns dos aspectos da teoria e técnica psicanalítica tradicional.

Klein/Anna Freud

- ▶ Klein afirmava ser completamente possível conduzir um processo propriamente psicanalítico com crianças, já que a criança seria capaz de atualizar, na transferência com o analista, as experiências de seu mundo interno.
- ▶ Segundo Klein, surgirá uma situação transferencial desde que empreguemos um método equivalente à análise de adultos, que evitemos qualquer medida pedagógica e que analisemos a fundo os impulsos dirigidos ao analista.



Klein/Anna Freud

- ▶ Enquanto que para Anna Freud o brincar era apenas um meio de conduzir a relação entre a criança e o analista, para Klein o brincar é, por excelência, a linguagem da criança.
- ▶ No tratamento, o brincar tinha um valor revelador das angústias infantis e deveria ser um dos principais eixos do trabalho analítico, não o cultivo dos afetos positivos como defendia Anna Freud.



Klein/Anna Freud

- ▶ O tratamento psicanalítico de crianças proposto por Klein, desafiou o princípio defendido pela escola de Anna Freud, que considerava a criança muito frágil para ser submetida a uma análise que objetivasse a exploração do inconsciente.



Klein/Anna Freud

- ▶ Ela marca sua discordância do simbolismo que utiliza Klein com relação ao brincar na sessão. Assinala a diferença de técnica com Klein para quem a criança é um sujeito em análise, sendo o brincar a atividade mediadora para abordar o inconsciente.



Klein/Anna Freud

- ▶ Então, enquanto que Anna Freud direcionava seu trabalho aos aspectos externos, às dificuldades da criança ajustar-se com o mundo externo, Klein importava-se com o mundo interno da criança e o que provinha dele para o mundo externo.



Anna Freud

- ▶ Quanto ao tratamento psicanalítico, Anna Freud levantou algumas questões, diferenciando a análise de crianças da de adultos. Segundo ela, há uma impossibilidade de se estabelecer uma relação puramente psicanalítica com uma criança em função de sua imaturidade e dependência do meio ambiente.



Anna Freud

- ▶ A criança não tem consciência de sua doença, nem acha que tem um “problema” para resolver. Normalmente são seus pais que estão preocupados ou angustiados diante de suas dificuldades. Neste sentido, falta a criança o elemento fundamental para a entrada de um paciente em análise, que é o mal-estar em relação a seu sintoma e a necessidade de tratamento.



Anna Freud

- ▶ No percurso realizado por Anna Freud, podemos reconhecer que, desde o princípio da construção de sua técnica analítica, ela parece não ter se desviado do que podemos considerar como sua veia de formação pedagógica. Desde o início de sua formação, Anna Freud já se direcionava mais às questões voltadas para a adaptação da criança ao social do que às questões concernentes à produção do inconsciente.



Anna Freud

- ▶ No que concerne a essa prática, isso tem como efeito a desconsideração da dimensão pulsional, e do inconsciente, numa prática preocupada com questões pedagógicas. Da mesma maneira, o sintoma, tomado como elemento que precisa ser suprimido, está na contramão do procedimento analítico que reconhece o sintoma como produção do inconsciente.



Anna Freud

- ▶ Trabalha sempre em transferência positiva e ao conquistar a confiança da criança o analista passa a exercer uma autoridade maior que a dos pais. Parece que para Anna o analisando deve se convencer da mestria do analista e de demonstrar que o analista ocupa o lugar do saber e não, como propôs Lacan, o lugar do sujeito suposto saber.



Anna Freud

- ▶ Para Anna, a participação dos pais é fundamental. Considera os informes e relatos dados pelos pais e está atenta a possíveis distorções desses informes devido aos conflitos inconscientes dos pais.
- ▶ No entanto, ela presume que os sintomas das crianças são determinados por esses conflitos, considerando os informes dos pais valiosos.



Anna Freud

- ▶ Logo, o que é levado em consideração é o material recolhido no âmbito da família e não da sessão. Anna propõe uma análise pedagógica.
- ▶ A escola representada por Anna Freud, não aceitava, inicialmente, o tratamento de crianças com menos de quatro anos de idade, propondo um tratamento indireto através da orientação aos pais (depois aceita a partir de 2 anos).



Anna Freud

- ▶ Anna Freud considerava que a criança não era capaz de transferência com o terapeuta, pois sua libido estaria ainda fixada nos pais. Seu método terapêutico, ganha, por este motivo, um caráter mais educativo do que propriamente terapêutico.
- ▶ O trabalho analítico com crianças não poderia prescindir de implicações educacionais distanciando-se, portanto, de muitos princípios da técnica com adultos.



Anna Freud

- ▶ Para Anna Freud o uso do brinquedo, segundo ela, é somente um modo de observação, um meio que possibilita conhecer a criança e não um recurso utilizado para alcançar e compreender sua vida psíquica.
- ▶ Anna Freud considera o brincar uma questão secundária no marco de sua técnica psicanalítica, trabalha com orientação aos pais.



Winnicott

- ▶ Winnicott foi influenciado por Klein, mas depois fundamentou sua teoria de maneira independente, assim ao contrário de Klein que enfatizava os fenômenos da estruturação interna da subjetividade ele vai ressaltar a dependência do sujeito em relação ao ambiente, este é sinônimo de cuidados maternos.



Winnicott

- ▶ Na teoria de Winnicott o ser humano não é apresentado como um objeto da natureza, mas sim como uma pessoa que para existir precisa do cuidado e atenção de um outro ser humano.
- ▶ Para Winnicott o ambiente é um elemento fundamental, a ponto de considerar as falhas ambientais como a etiologia principal dos quadros psicopatológicos.



Winnicott

- ▶ Portanto, para Winnicott, a criança nasce indefesa. É um ser desintegrado, que percebe de maneira desorganizada os diferentes estímulos provenientes do exterior e que nasce com uma tendência para o desenvolvimento (**O ser humano traz em si uma tendência inata a se desenvolver e a se unificar**).



Winnicott

- ▶ A tarefa da mãe é oferecer um suporte adequado para que as condições inatas alcancem um desenvolvimento ótimo. Ao dar amor ao filho, a mãe fornece-lhe uma espécie de "energia vital", que o faz progredir e amadurecer.



Winnicott

- ▶ Winnicott considera a criança em processo contínuo de constituir-se sujeito. Será a qualidade da interação com o ambiente, num primeiro momento restrito à relação com a mãe, que definirá os rumos do desenvolvimento da criança.
- ▶ É por intermédio dos cuidados maternos e da capacidade que a mãe tem de se adaptar às necessidades da criança que esta passa a conhecer o mundo.



Winnicott

- ▶ A expressão "mãe suficientemente boa" foi cunhada para designar exatamente essa função. A mãe faz uma adaptação ativa às necessidades da criança que vai diminuindo a medida que a criança se torna capaz de suportar falhas e tolerar frustração.



Winnicott

- ▶ Assim, temos um conceito chave: **Mãe suficientemente boa** (uma mãe adequada)
- ▶ A mãe suficientemente boa é aquela que durante os primeiros anos de vida do bebê identifica-se com suas necessidades, e a elas, está adaptada.



Winnicott

- ▶ **Representa o ambiente externo suficientemente bom**, dando ao filho condições para viver satisfatoriamente sua vida psíquica. Essa mãe permite a criança desenvolver suas capacidades (físicas e psíquicas), fundamentais para suas tendências inatas.



Winnicott

- ▶ Na fase primitiva do bebê (Fase da Dependência Absoluta) suas necessidades estão ligadas à adaptação da mãe a essas necessidades, que se caracterizam pelo emprego das três funções maternas:



Winnicott

- ▶ **3 funções maternas:**
 - a) Apresentação do objeto – apresenta ao bebê as coisas do mundo; relação de objeto;
 - b) O Holding – Oferece sustentação psíquica; a segurança de que o bebê não está só;
 - c) O Handling – Manipulação; Cria um corpo formando uma gestalt corporal – o bebê entende que existe e que tem um corpo. Dá-se a personalização (união entre sua vida psíquica e seu Corpo).



Winnicott

- ▶ A falta de **holding** adequado provoca uma alteração no desenvolvimento, cria-se uma "casca" (o falso self) em extensão da qual o indivíduo cresce, enquanto o "núcleo" (o verdadeiro self) permanece oculto e sem poder se desenvolver.



Winnicott

▶ O falso self

O falso self surge pela incapacidade materna de interpretar as necessidades da criança. O desenvolvimento do falso self se relaciona a uma amplitude na escala de psicopatologia que irá desde sensações subjetivas de vazio, futilidade e irrealidade até tendências anti-sociais, psicopatia e psicoses.



Winnicott

- ▶ A mãe **insuficientemente** boa não se coloca como esteio para o filho, sendo insuficiente para que o bebê construa sua unificação psíquica e física.
- ▶ É a mãe **suficientemente** boa que **favorece o desenvolvimento do self verdadeiro**. Só o verdadeiro self pode ser criativo.



Winnicott

▶ A fase da Dependência Absoluta (0 a 6 meses):

- ✓ O bebê depende inteiramente do mundo que lhe é oferecido pela mãe, mas o que é mais significativo nesse momento é que ele desconhece este estado de dependência, já que, em sua mente, ele e o meio não se diferenciam.



Winnicott

- ▶ **A fase da Dependência Absoluta (0 a 6 meses):**
 - ✓ No início, o ser só é possível com outro ser. Por isso, essa fase é caracterizada por uma continuidade do ser, que resulta na fusão da mãe com o bebê.
 - ✓ É a fase de indiferenciação entre eu e não-eu. Reina o Princípio do prazer e a onipotência. O ego do bebê funciona de acordo com o empréstimo do ego materno.
 - ✓ A mãe é um objeto subjetivo para o bebê, assim como os demais objetos. Ele os cria.



Winnicott

▶ Fase da Dependência Absoluta:

- ✓ A mãe dedicada permite ao filho ter a ilusão de que o mundo é criação sua, alimenta a sua onipotência. Nesse tempo, o mundo está sob o controle mágico do bebê, isto será gradativamente abandonado devido a frustração, constituindo a externalidade do mundo.
- ✓ A relação do bebê com os objetos subjetivos é a forma mais primitiva de relação afetiva.



Winnicott

▶ A fase da Dependência Absoluta:

- ✓ Com os objetos subjetivos, o bebê se comunica de maneira implícita e direta numa relação de ser. Dessa relação, nasce o sentimento de existir, o colorido da vida, nascido de um processo de apercepção criativa, proporcionado por uma mãe suficientemente boa.



Winnicott

- ▶ Para que o bebê possa passar do que é subjetivamente concebido ao que é objetivamente percebido, ele necessita de uma área intermediária entre a realidade externa e a interna que lhe permita suportar a angústia de separação.
- ▶ Winnicott ressalta a importância dessa região intermediária para que o bebê inicie um relacionamento com o mundo. É pela elaboração do conceito de *objeto e fenômenos transicionais* que Winnicott formalizará como se dá essa passagem.



Winnicott

▶ O espaço da ilusão e os objetos transicionais:

- ✓ Importantes para a passagem da dependência absoluta para a dependência relativa.
- ▶ A área da ilusão – caracteriza-se pelo paradoxo da continuidade da dependência absoluta e antecipação da dependência relativa. É o lugar onde o bebê busca manter ligadas e separadas as realidades interna e externa.



Winnicott

▶ O espaço da ilusão e os objetos transicionais:

- ✓ O espaço da ilusão se fundamenta na confiança que a mãe inspira no momento em que o eu autônomo se encontra em estágio inicial.
- ✓ **Os objetos são transicionais.** Não sendo o próprio bebê, também não chegam a ser outro. Início de um eu autônomo sem empréstimo do self da mãe.



Winnicott

▶ A transicionalidade

- ✓ Os objetos transicionais localizam-se na zona intermediária entre a mãe e o bebê permitindo que a separação seja tolerada. Esse espaço intermediário dialoga com as realidades interna e externa.
- ✓ Assegura a riqueza da vida imaginativa do bebê e sua adaptação à realidade.
- ✓ Representam a transição para a fase de dependência relativa, na qual a mãe é vista como externa e separada. Ajudam a tolerar a angústia de separação e ausência materna.



Winnicott

▶ A transicionalidade

- ✓ Os objetos transicionais são qualquer objeto que o bebê vai eleger como precioso a quem ele se agarra quando a mãe está ausente. Esse objeto ajuda o bebê a viver esse luto, lidar com a angústia advinda da perda do objeto primordial.
- ✓ Jogo do Fort-Da (Freud) é um exemplo.



Winnicott

- ▶ **A fase da Dependência Relativa (6 meses a 2 anos)**
- ✓ Nessa fase, a criança descobre, aos poucos, que ela e sua mãe são separadas, que suas fantasias não correspondem à realidade e que depende de sua mãe para a satisfação de suas necessidades.
- ✓ Aos poucos, a mãe também se desliga de um estado de identificação com o filho, que fora intenso na primeira fase.



Winnicott

- ▶ **A fase da Dependência Relativa (6 meses a 2 anos)**
- ✓ Com a desilusão provocada gradativamente pela mãe, o bebê reconhece um espaço separado dela e personalizado.
- ✓ Nessa fase, o bebê cria símbolos e objetos concebidos como não-eu. É o espaço da exterioridade e princípio da realidade.
- ✓ O bebê faz a união entre vida psíquica e corpo. Dessa união nasce o sentir-se real que não depende mais do gesto dessa mãe. O bebê está na mais efetiva experiência de ser.



Winnicott

- ▶ **A fase da Dependência Relativa**
- ✓ A mãe também começa a se desligar do filho introduzindo falas de adaptação, possibilitando que o filho encontre o caminho próprio de existir e de se relacionar consigo mesmo e com os outros.
- ✓ Após a concepção dessa mãe como objeto subjetivo e transicional, a mãe real é concebida como outro, e definida pelo mundo da percepção.



Winnicott – O Brincar

- ▶ Winnicott descreve sobre o brincar em seu livro "*O Brincar e a Realidade*", onde foca o espaço da relação paciente-terapeuta como fenômeno transicional.
- ▶ Coloca que o brincar é uma experiência criadora e que tem um lugar e um tempo para acontecer, não seria "dentro" (realidade psíquica interna, como na teoria de Melanie Klein) e nem "fora" (realidade externa, como na teoria de Anna Freud), mas sim o que acontece "entre" a relação.



Winnicott

- ▶ Para Winnicott, o lugar de origem do fenômeno transicional é o espaço potencial entre a criança e a mãe. A partir das experiências vividas entre ambos, de como ocorreu essa relação, é que os fenômenos transicionais, bem como os prováveis objetos transicionais, irão ocupar esse espaço.
- ▶ O brinquedo, sob forma de objeto transicional, é a via de passagem do estado de fusão com a mãe, ao estado de relação com o outro (quando a mãe é percebida como separada da criança).



Winnicott

- ▶ O objeto transicional é a primeira posse da criança de algo que diz respeito ao não-eu. O dito objeto e a posse pela criança de algo do registro do não-eu seriam da ordem da experiência, isto é, de alguma coisa que deve ser manuseada e experimentada, para que possa ser efetivamente sentida em sua materialidade, consistência e textura.



Winnicott

- ▶ Nesses termos, o uso permanente do objeto ofereceria à criança a sensação de algo constante e existente.
- ▶ O objeto transicional, relaciona-se tanto aos objetos externos quanto aos internos, mas difere de ambos. Portanto, o objeto não consiste na coisa em si que o bebê manipula, mas como ele o utiliza, qual a função na vida psíquica da criança.



Winnicott

- ▶ O objeto transicional, que surge no espaço transicional (potencial), permite a criança suportar a falta materna, passa a existir da ameaça de ruptura na continuidade dos cuidados maternos.
- ▶ Esse espaço potencial é o espaço do jogo, da análise, da transferência.



Winnicott

- ▶ Da relação com a mãe, a criança seguirá para a ampliação de suas relações sociais. Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e deste para as experiências culturais.



Winnicott

- ▶ O estudo sobre os fenômenos transicionais viabilizou um novo olhar sobre o brincar. O brincar tem um lugar e um tempo, diz Winnicott. Não um tempo e lugar internos. Tampouco se localiza num tempo e espaço fora. Trata-se de um dispositivo que serve para controlar o que está fora e o que está dentro, fazendo. Brincar é fazer.



Winnicott

- ▶ Brincar significa, em Winnicott, um caminho para o desenvolvimento saudável. Na análise, a técnica lúdica possui também um valor curativo, e há participação ativa do analista na brincadeira.
- ▶ As significações aparecem de maneira livre no brincar, de forma que o momento mais significativo da análise é aquele em que a criança *surpreende a si mesma*, e não o momento da interpretação do analista, pois interpretação fora do amadurecimento do material é doutrinação e produz submissão.



Winnicott

- ▶ Quando o terapeuta não consegue acolher essa comunicação e insiste em procurar sentido na confusão do paciente, ele deixa de prover as condições ambientais necessárias ao estabelecimento da relação de confiança com o paciente, o que impede o andamento da análise. Desse modo, a capacidade que o paciente tem de brincar, de ser criativo no trabalho analítico, pode ser frustrada por um analista que se coloque na posição de saber.



Winnicott

- ▶ O setting terapêutico com crianças, em Winnicott é um espaço lúdico, de descoberta, de desfrute e acima de tudo prazeroso, tanto para o paciente como para o analista, onde este está ali junto à criança não para ela fazer associações livres verbais, pois em algumas vezes estas associações verbalizadas causam angústia na criança.
- ▶ O analista é um mediador para que a criança possa projetar na brincadeira seu mundo psíquico sem ter consciência total do que está acontecendo.



Winnicott

- ▶ Ele **localiza o início dos problemas psicológicos no vínculo entre recém-nascido e mãe**. A base da estabilidade mental depende das experiências iniciais com a mãe e, principalmente, de seu estado emocional. Na abordagem winnicottiana o analista deve oferecer ao paciente o que não teve, criando processos que nunca existiram, capacidades e funções psicológicas



Winnicott

- ▶ Portanto, na teoria psicanalítica de Winnicott o que está em questão não é a vida erótica do sujeito, mas a conquista de um lugar para viver, ou a base do self no corpo.
- ▶ Ao se estudar o primeiro vínculo emocional com a mãe, em termos de experiência sensoriais, afetivas e de constituição do psiquismo, passa-se de uma postura edípica a uma bipessoal, do falo ao seio, do triângulo à relação com a mãe.



Winnicott

- ▶ Apesar da importância que Winnicott atribuiu à mãe no desenvolvimento psíquico do bebê, ele também enfatizou que o pai é necessário para dar à mãe um apoio moral, para sustentá-la em sua autoridade, para ser a encarnação da lei e da ordem que a mãe introduz na vida da criança.

